

[inaudível] [barulhos]. Nós fizemos supervisão e começamos a fazer, programar concursos pra entrada de enfermeiras, a partir daí que as enfermeiras começaram a entrar na Secretaria de Saúde, sabe? Por que naquela época tinha muito pouca enfermeira. E hoje nós temos muita enfermeira no Estado que naquela época não tinha. Interior, sabe? E com aquela parte de distrito sanitário e aí nós fomos colocando a supervisora em cada um. Aí estruturamos todo o serviço de enfermagem na Secretaria de Saúde. É interessante que a gente fazia naquela época essas coisas e na base da, da, do ensaio e erro, pra acertar, sabe? Por que a gente não tinha feito curso de administração, nem nada, né. Então chamava, eu me lembro que me chamaram pra organizar o Hospital Felício Rocho, em 1972. Aí eu fui e falei assim: “Ah, vou convidar a Noeme [Maria Noeme Ferreira Ribeiro] pra ir comigo.” Eu convidei a Noeme, mas a Noeme falou assim: “Eu só fico na, na obstetrícia. Eu não fico...” Eu falei assim: “Então eu vou ter que assumir o hospital, né?” Apesar de ser enfermeira de saúde pública eu tinha essa cara de pau de assumir as coisas, né. E fui pra lá, no Felício Rocho e fizemos a organização do, do Felício Rocho e nós ficamos assim, assustadas quando nós chegamos na maternidade, é, realmente tinha na maternidade seis parteiras, parteira leigas, né? E um hospital de renome, famosíssimo, né?

E.: Isso foi que ano?

C.: Felício Rocho em setenta e dois, 1972, não está tão longe, né? E o maior, maior espanto foi quando nós descobrimos que entre essas seis práticas na enfermagem na obstetrícia, quatro eram analfabetas, tá? Aí nós, e cada uma tinha uma maleta com todo o atendimento da... inclusive medicamento. Nós perguntamos pra elas como é que elas usavam os medicamentos na, na, é, na paciente, “Através de rótulo.” Quer dizer se tivesse medicamento com o mesmo rótulo, olha, os riscos que as mulheres grávidas a... né, [gagueira] no hospital. E, eu fiz um relatório, né, fiz as normas, e, fiz um cálculo dos enfermeiros que deveriam ter o hospital, naquela época, né? E indiquei inclusive uma, uma pessoa que tinha se formado aqui na nossa Escola, pra ser chefe lá, lá no hospital. Coloquei o salário, né? Fizemos um plano salário, eles aceitaram, né. E pra nosso espanto também é que apareceu a enfermeira lá, inclusive formada pela Escola Hugo Werneck e se ofereceu pra chefiar lá com preço mais barato que aquele que a gente tinha dado. Aí, em termos de salário o negócio foi por água abaixo, né. Mas aí eu

entreguei e falei: “Que agora eu tinha feito a minha parte, a estrutura estava ali, quer dizer, precisaria naquela época, de trinta enfermeiros.” Eles aceitaram. Aí eles começaram a adquirir enfermeiros, sabe? Hoje já tem bastante enfermeiro no Felício Rocho, foi inclusive a partir desse trabalho que nós fizemos lá. E naquela época, depois eu fa... eu chegava nesses lugares e fazia o trabalho, fazi... tinha assim, um bom relacionamento com todo mundo, depois eu saía dali, esquecia, como, como se não tivesse passado por ali, né? Com essa organização do Felício Rocho, depois eu fui chamada é, aliás essa organização do Felício Rocho foi em função da organização que nós fizemos no Hospital Municipal, em 1967, que nós fomos pra lá. O prefeito, pela repercussão do trabalho, aí eu fui convidada pra lá, né, com um grupo. Aí eu levei, levava só as alunas da, da área hospitalar não, levava até o pessoal da saúde pública jogava lá dentro do hospital, sabe? E essas alunas que estavam fazendo o quarto ano...

E.: ...só uma coisa. Em sessenta e sete que você disse, foi o municipal ou foi o Felício Rocho?

C.: Municipal. Felício Rocho foi em setenta e dois.

E.: Ah, tá. Sessenta e sete foi, foi o Municipal.

C.: É, foi em função do trabalho no Municipal...

E.: ...em sessenta e sete...

C.: ...é que depois o Felício Rocho me chamou prá organizar, não é? E fizemos um trabalho assim, muito bom, no Hospital Felício Rocho, no Hospital Municipal. É porque naquela época os alu... os doentes amanheciam mortos e ninguém sabia como é que tinha morrido, né. E começamos a colocar os alunos e o trabalho assim teve uma repercussão muito grande em Belo Horizonte, né, a Escola já tinha tido uma experiência assim, na época da Waleska Paixão, não sei, né? E aí, mais uma vez confirmou que a Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais tinha condições de manter o hospital. Sendo assim, fizemos um convênio e ficamos lá de sessenta e sete até 1972, setenta e três, se não me engano. É, inclusive depois eu passei a chefia pra Girlene [Maria Martins] e as alunas mais antigas elas tomavam conta das alunas mais novas, né. E eu me lembro de um fato muito interessante que aconteceu lá no Hospital, é, Municipal, inclusive foi até com a, é, tenho impressão que foi a Adelina [Gonçalves Sobrinho], se eu não me engano. Ela estava na pediatria

naquela época, Adelina gostava muito de pediatria, e ela estava administrando a pediatria, tenho quase que certeza que foi ela. E tinha residentes também lá, sabe? E as alunas, elas eram as donas das clínicas, elas comandavam. Tanto que tinha um estudante, residente lá, ele foi chamado, a criança estava em convulsão e a, ele foi chamado pra receitar o medicamento pra criança, sabe? E a criança então, a, ele receitou e a mi... a aluna que estava lá falou assim: “Eu não vou dar esse medicamento. Não vou dar porque você receitou numa dose muito grande, muito mais elevada do que a criança deveria receber.” Aí, ele simplesmente falou pra ela assim: “Ô, eu sou o médico e você vai fazer o que eu estou mandando.” Né? Aí ela me chamou, ela me telefonou, me chamou, eu fui lá, olhei, realmente estava com uma dosagem a mais do que a criança deveria tomar, eu falei assim: “Ela tem razão, ela não vai fazer, né. Se você quiser fazer, você faz. A gente até prepara coloca na seringa, mas se você quiser fazer, você que vai fazer, né? Ele falou assim: então pode preparar que eu aplicar.” Aí fez. A menina colocou na, na seringa. Ele aplicou, tá? E a criança morreu no dia seguinte descerebrado, sabe? Foi assim, terrível. A partir daí esse estudante passou a ser amigo das alunas. Então tudo aquilo que elas falavam, ele ia lá e discutia, e com isso começou aquele trabalho de entendimento melhor, é, é medicina e enfermagem. Tanto que o trabalho da, da enfermagem lá foi muito bem aceito, né? E, hoje, eu acho que até hoje a enfermagem, acho que tem uma boa aceitação lá no Hospital Municipal. Não sei como que está agora, porque tem muito tempo que eu não, não vou lá. Então, esses fatos sempre aconteciam e a gente conseguia, é, levar aquilo que a gente projetava, levar pra frente, né? A enfermagem tem que comandar o setor dela, né? Encontramos também um médico lá, que é marido da Clélia Alvares [de Oliveira], não sei se vocês entrevistaram a Clélia Álvares. Como é que ele chama? É o, ele é médico.

V.: Não, entrevistamos a Clélia, ainda não.

C.: Não, né? Ele... queria eu não queria nem falar isso aí não. Era, é um verdadeiro cavalo que esse médico.

V.: Quer que desliga?

C.: É, só você não colocar isso aí, né?

## [INTERRUPÇÃO DA FITA]

C.: Era só isso que eu queria falar. Mas aí, o, a Escola conquistou esse médico. Hoje, depois ele foi amigo da, da, sabe, da gente. E aí a gente fazia assim, um trabalho, as alunas, elas ficavam lá, dia e noite no hospital, sabe, era aquele entusiasmo, e ele conseguiu mudar o pensamento dele. Como era o terceiro andar, era só clínica particular e ele achava que era assim, aluna de enfermagem não podia entrar lá, sabe? E as alunas começaram a entrar, começaram a fazer o trabalho, e aí conquistou A... Adeová, acho que é Adeo...

V.: ...Adeová.

C.: Uma coisa assim. O marido da Clélia, eu acho que ela está, está desquitada agora. E assim nós fomos conquistando, quando eu saí do Hospital Municipal em setenta e dois, aí eu recebi um convite pra organizar o Hospital São Francisco. A Vitória e a Yoli tinham estado lá anteriormente com alunas, não sei se vocês [leram] na história que o Hospital São Francisco foi utilizado como campo de prática para as alunas e depois elas saíram de lá, Vitória, Yoli, parece que Gercy, a Noeme, esse grupo todo. Mas depois elas saíram e o hospital voltou à estaca zero. E eles me convidaram, me mandaram uma carta, Francisco Souza Lima pra organizar o Hospital São Francisco. Aí eu falei assim: “Ah, nessa fria eu não vou entrar de jeito nenhum, né?” [riso] Nessa altura eu já não estava assim, com aquela disposição de querer enfrentar essas situações, né, porque chega num nível que você está com toda corda e fala assim: “Ô, eu vou entrar.” Não é? Mas chega num ponto que você fala assim, você analisa e fala assim: “Ah, nessa daí [eu não entro, vou não].”

E.: Isso aí foi antes do Felício Rocho?

C.: Foi antes do Felício Rocho

E.: Ah!

C.: Porque o Felício Rocho foi em setenta e dois, né?

V.: Essas assessorias, era porque você estava na Escola, ou era via Secretaria do Estado?

C.: Era via Escola, sabe? Era muito mais via Escola, é, do que Secretaria da Saúde.

E.: E você recebia, financeiramente por essas assessorias, além do salário de professora?

C.: Não. Era só salário da Escola. Eu nunca recebi, nunca... Eu acho engraçado, sabe, Estelina, que a gente tem uma, uma certa formação, que eu não sei se é correta ou se é errada. Eu não admitia que entrasse nenhum dinheiro além daquele que eu recebia como professora da Escola, eu achava um absurdo se eu recebesse fora, tá? Tanto que eu levei essa idéia pra, para o Conselho Regional de Enfermagem quando eu assumi, né? Nessa época é, a Clélia [Clélia Luisa Gonçalves Pinto] era a tesoureira, a Maria José era a presidente quando nós organizamos o COREN, e nós não admitíamos, nós éramos tão burras, né [risos], que usasse dinheiro do COREN pra viajar. Pra fazer uma viagem, todo mundo tinha viajar com o dinheiro do bolso. Nós não aprovávamos em assembléia, que desse passagem para as pessoas, diária, uma burrice, né? E hoje a gente vê que tudo isso é possível, mas naquela época a gente era rígida, sabe? Questão de rigidez. E com isso eu também não admitia, sabe? Hoje eu acho errado, sabe? Outro dia eu estava pensando: “Gente, a Clélia queria ir pro Congresso em Belém do Pará e nós não aprovamos, tá, que a Clélia fosse por conta, é, do COREN.” E a Clélia fazia um trabalho muito bonito. A Clélia fez um trabalho muito bonito na ABEn.

V.: Clélia Pinto.

C.: Clélia Pinto. Ela fez um trabalho muito bonito na ABEn, que foi a Clélia que depois da, da irmã Teresa Nortanicola, foi aquela pessoa que deu um cunho, assim, a enfermagem brilhando no Estado, foi a Clélia Pinto. A primeira foi a irmã Nortanicola, depois Clélia Pinto, né? Ela foi presidente. Ela fez um trabalho em relacionamento muito grande com Magalhães Pinto, que nessa época era Governador do Estado, sabe? Eu sei que a enfermagem conseguiu muita coisa. Inclusive a enfermagem conseguiu até contar um tempo dobrado, né, pra aposentadoria. Foi a Clélia, a Clélia fez assim, ela baixinha, mas com aquela força terrível, ela conseguia muita coisa, sabe? Então, eu acho que a, a, a enfermagem teve assim, uma, de... Primeiro foi a irmã Nortanicola que veio, começou a jogar semente, a Clélia explodiu, né? E aí, aí a coisa continuou, é, hoje a gente vê que a ABEn tem uma aceitação, né, o COREN também, né, e, e, com isso, isso aí, começou nosso trabalho, sabe de projetar a enfermagem, a gente queria era projetar a enfermagem, né? E com aquela preocupação tremenda que naquela

época era assim, enfermeira era amante do médico, então a gente tinha a preocupação de um deslize assim, pra não dá, nenhum tipo...

E.: ...nem um flerte, né? [risos].

C.: Nada. Nada, sabe? [risos] Aí, inclusive, eu tive até um convite de casamento, eu estava no Hospital Municipal, sabe, é, é a pessoa convidou, se eu não queria casar com ele, eu falei: “Não. Não quero de jeito nenhum.”

V.: Não posso.

C.: Normalmente a enfermagem...

E.: ...só porque ele era médico?

C.: É, só porque ele era médico. Olha assim, que ignorância, né? [risos]. Então eu falei: “Não, de jeito nenhum.” Sabe? Foram dois convites de casamento que eu tive, foi esse médico lá do Municipal e um médico de Sergipe, quando eu estava em São Paulo fazendo o curso de mestrado, em Saúde Pública. Eu casar, ir lá pra Sergipe, de jeito nenhum. [risos]. Eu amava Minas Gerais, amava a Escola de Enfermagem, sabe, então, eu sempre pens... eu, a minha pessoa estava sempre em segundo plano, tá? Que, que eu acho também muito errado, sabe? Hoje eu já penso diferente, sabe? Então, é, a gente dá aquelas burradas que depois [risos] que a gente passa é que a gente vai analisar, né, os passos que a gente deu. Mas a, eu não, não me arrependo, sabe? Eu não me arrependo, eu acho, foi um processo que eu tinha que passar, e, fico feliz de estar nesse processo, sabe, continuar nesse processo, aí.

V.: Você começou a falar da participação da Clélia na, na ABEn. Mas nesse período também você estava na ABEn, né, sessenta e dois a setenta e dois. Uma década.

C.: É, fui vice-presidente, com ela, né?

V.: É. Você foi antes, Segunda Secretária com a irmã Teresa.

C.: Foi.

V.: Né? Depois você foi, a Clélia Pinto era presidente.

C.: Presidente.

V.: Zélia Carneiro era, era a vice. Depois você entrou no lugar dela?

C.: Depois eu entrei no lugar da... ela pediu demissão, eu não sei qual foi a razão que ela saiu. Parece que teve o problema familiar e eu entrei no lugar dela, né, da Clélia. Por que eu era da Comissão de Educação, né, na ABEn. E eu assumi, sabe? E parece

assim, que havia uma afinidade maior da Clélia comigo, de que com as outras pessoas, né? Que a Clélia com o problema dela, de surdez, então eu tinha muita paciência com a Clélia Pinto, que muitas pessoas não tinham, né? Então, com isso ela se adaptou muito mais a mim, sabe? E, foi uma pessoa assim, que eu acompanhei muito de perto o trabalho da Clélia, sabe? Eu admirava muito a Clélia, sabe? Eu acho que foi uma pessoa que marcou a posição dela como enfermeira desde o começo, porque ela foi diretora do Curso de Visitadora Sanitária nas Escolas de Saúde Pública, muitos anos. Se você for entrevistar a Ilza, a Ilza pode até colocar pra você, por que a Ilza foi dessa época. Tudo aquilo que a Clélia pôde fazer pra poder elevar a enfermagem, todo lugar em que ela estava ela fazia, sabe. Então, uma pessoa assim, que não dava pra você perceber, que ela trabalhava muito assim, nos bastidores, mas ela fez muito pela enfermagem, a Clélia Pinto, sabe, eu acho que, mereceria assim, um destaque especial, sabe? Por que ela realmente fez muita coisa, pelo menos na minha, na, na minha atividade, da minha caminhada na enfermagem eu senti isso, da Clélia Pinto. Depois veio o Congresso em setenta e dois também, não foi?

V.: Foi.

C.: O Congre... eu fui Secretária Executiva e a dona Izaltina nessa época era Presidente, porque ela falou assim: “Eu só assumo a ABEn se você entrar.” Então a dona Izaltina, eu sempre convivi [riso] [claro] que tinha condição, sabe? Aí eu entrei. Nós fizemos um, um Congresso até muito bom, não é? Nós tínhamos a nossa sede ali na Alagoas, inclusive, quem comprou foi a Clélia Pinto, tá. Foi ali, foi aquela sede. Hoje eu não sei se vendeu. Vendeu, né?

V.: Não, não. Continua.

C.: Continua lá, né?

V.: Está alugado.

C.: Está alugado, né? E nós arrecadamos um dinheiro muito bom, sabe, nessa época, no, na ABEn (...), e que depois, eu acho depois que comprou, colocou, não é, a sede...

V.: ...ela comprou a sede.

C.: Comprou a sede, não é?

V.: Da rua Carijós.

C.: Da Rua Carijós, não é? Então, de qualquer forma a, o progresso foi assim, devagar, mas [gagueira] foi, foi muito interessante, né? E depois do Congresso de setenta e dois, eu tenho impressão de que me afastei mais da, da ABEn, né? E a Escola começou a exigir mais de mim, eu saí pra fazer curso de pós-graduação também, né?

V.: Hoje você está mais afastada da ABEn?

C.: Estou mais afastada da ABEn atualmente, porque depois da AB... veio um, setenta e cinco eu comecei o COREN, né, eu sou do COREN.

V.: Então vamos falar do, da criação, da sua participação no Conselho Regional de Enfermagem.

C.: É o Conselho Regional de Enfermagem, a Maria José me convidou.

V.: Maria José...

C.: ...Silva.

V.: Silva.

C.: É. Maria José Silva. E nessa época a Lídia também, né? E, e precisava de um grupo pra assumir o COREN, tinha sido aprovada, né, a, a, o legislação, nós criamos os conselhos, e eles me convidaram, né, pra poder fazer uma, um grupo e comandar o COREN. Nós começamos a trabalhar independente de eleição, fizemos um grupo, Lídia, Clélia Pinto, Maria José Silva, eu, a Helena Pereira e não sei se eu me lemb... se eu lem... se estou esquecendo de mais alguém. E depois que nós estruturamos toda, todo o COREN, aí nós fi... fizemos a eleição, a Maria José entrou como presidente, eu entrei como secretária, né? E a Clélia Pinto como tesoureira, né. A Lídia, a Lídia parece que foi a segunda secretária, não é? E nós ficamos, né, durante... foi setenta e cinco e oitenta e... oitenta eu, depois eu peguei a presidência, Maria José Silva saiu, eu peguei a presidência do Conselho Regional, em oitenta eu saí e passei pra Girlene, né, que eu fui fazer pós-graduação, [gagueira] o doutorado quando comecei em São Paulo, em 1980. E depois que eu voltei do doutorado eu perdi o contato com a ABEn, com o COREN, não sei porque, sabe? Não sei qual foi o motivo, talvez o excesso de atividades aqui na Escola, que eu voltei com o doutorado e eu me senti na obrigação de investir mais aqui, né? Eu passei a assumir, é, participar do, do, da Pró-Reitoria de, de Pós-Graduação, lá na Universidade, Conselho de Extensão...

V.: ...[tosse] você foi a primeira professora lá na Escola, né?

C.: Fui, fui a primeira doutora, né. Depois, depois veio a...

V.: ...primeira diretora, primeira...

C.: ...é, primeira diretora, prim... [risos].

V.: Primeira sempre.

C.: É. Aqui dentro da Escola sim. É por isso é que eu falo pra você, tinha, tem alguma coisa preparada pra mim que eu não sei o que é. [riso]. Eu tenho que descobrir, uma hora ver. Já falei: “Eu vou sentar e vou pensar quê que tem nisso aí.” Porque sempre eu entro nas coisas e as coisas caminham, sabe? E, e eu acho que é um privilégio que somente a gente tem que agradecer à Deus.

V.: E responsabilidade, né?

C.: Muito grande, sabe? Muito grande.

V.: Qual a maior dificuldade no trabalho do COREN no início?

C.: É dinheiro, não tinha dinheiro. Todo o dinheiro ficava lá no cofrinho, sabe? A, a, eles mandavam a gente fazer as continhas, mandava pra lá, eles mandavam pra cá, sabe? E a partir daí nós começamos a fazer um trabalho pra criar, a, um setor financeiro do Conselho, com uma resistência muito grande, né, mas aí foi aprovado, foi na nossa época também que aconteceu isso, Maria José, Clélia Pinto, aí nós conseguimos que [tosse], que a gente criasse situação, a, a, o setor financeiro que não existia, né? E nós estávamos com dinheiro, na época que nós deixamos com dinheiro suficiente pra comprar a sede do COREN, sabe? E não compramos, com esse pro... problema assim: “Ah, não! O COREN precisa juntar dinheiro, precisa juntar dinheiro.” Depois, logo que nós deixamos é, inclusive eu até saí olhando algumas sedes, mas não deu, porque eu entreguei. Isso foi na, na época da Marlene, que comprou, não foi?

V.: Foi.

C.: Foi na época da Marlene que comprou. Não sei se foi, com o [dinheiro]...

V.: [inaudível]

C.: Né? O dinheiro que foi acumulando, nós fomos juntando, fomos juntando aí saiu nessa época com esse dinheiro. E se não tivesse passado a parte financeira pra cá, a gente não teria condições de ter a sede, sabe? Mas nós não tivemos dificuldade, a não ser financeiro, sabe? Dependendo de lá. Não tivemos processo nenhum. Nosso

relacionamento com o pessoal, também era, estava começando, era coisa pequena, não tinha fiscalização por que a fiscalização é que descobre as coisas, né? Nós não tínhamos. Depois... mas era assim nós mandamos, achamos que deveria ter um setor de fiscalização, mandamos a proposta, né? Deve ter muita proposta de Minas lá na nossa época. A gente ia sentindo as coisas e ia mandando pra lá, sabe? E aí, depois, a, a passamos a diretoria e, e o COREN está aí crescendo cada vez mais, né, a gente fica feliz quando vê as coisas crescendo, né? Em ses... na diretoria passada, né, eu me convidaram pra fazer parte de uma, da, da, na eleição passada, fazer parte da, do grupo, né? E eu simplesmente, [gagueira], sabe, quando você está assim, querendo entrar pra poder fazer alguma coisa pela Enfermagem, eu entrei e, mas a nossa chapa foi impugnada, né? Parece que por problema de documentos. Como eu não tomo... não peguei assim, a frente pra acompanhar a documentação, na hora ficou faltando, mas daí eu entrei com o pedido do processo, o processo está aí até hoje.

V.: Não tem resposta?

C.: Não tem resposta não.

V.: Está terminando o mandato de quem assumiu, né? E ainda não tem resposta.

C.: O processo está preso em Brasília, sabe? Inclusive, interessante que o, o advogado, né, é um assim, um advogado de renome, né? Até pouco tempo eu liguei pra ele, falou assim: “Olha, tá parado lá em Brasília.” Sabe? [riso] E então eu acho que vai chegar a hora que a gente vai fazer assim, colocar, morreu, né? Não tem necessidade da gente ficar, é, fazendo isso mais, mas o processo está lá, sabe?

V.: É, quem estava com você nessa chapa?

C.: Muita gente, sabe? Tinha gente que eu não conhecia, viu?

V.: Você estava mais envolvida no processo?

C.: É. Eu, eu como pres... como candidata que elas achavam que eu queria ser a presidente, né? Então eu me senti na obrigação de, de entrar com o processo. Inclusive eu que paguei o advogado, não é, não peguei nada do grupo, eu paguei totalmente o advogado e, mas não foi, até hoje não tem resposta. Como está não sei, não é? Se vai pra frente, ninguém sabe também, né? Por que eu [telefone tocando], como é que ele chama? Ô...

## [INTERRUPÇÃO DA FITA]

C.: Como é que chama o presidente do COFEN? Parece que tem um grupo de advogados em Brasília, Gilberto.

V.: Gilberto?

C.: Diz que tem um grupo de cinco advogados lá em Brasília que não deixa passar nada. É um verdadeiro trator, sabe? Agora, eu não posso assim, emitir parecer nenhum sobre ele, porque eu não o conheço, não sei qual que é a atuação dele, sabe? E não sei também como é que está, por eu estar muito afastada da, da, das atividades enfermagem, eu não sei como é que está a situação. Por que [tosse], se por acaso eu estivesse mais envolvida e estivesse dentro da situação, até que eu poderia, até acelerado o negócio, sabe? Mas eu nem acelerei, dei entrada lá, porque afinal de contas eu estava representando um grupo e tinha que dar satisfação pra esse grupo, [tosse] sabe? E na época, inclusive teve uma problemada da Maria José com a Lídia, problema da, da, da ABEn, não foi?

V.: Maria José Antunes?

C.: Maria José Antunes, que também estava na chapa e eles tentaram inclusive impugnar a candidatura da Maria José por causa disso aí, eu sei que foi uma confusão, não é? Que eu, achava assim, que não deveria ter havido isso na enfermagem, sabe? Eu acho não é um desgaste muito grande, não vale a pena, sabe? Mas aconteceu, e a Marlene está saindo daí e o processo está lá parado em Brasília, né?

V.: É, está terminando o mandato dela.

C.: Terminando o mandato dela, né? E... depois eu acho que, não sei se tenho mais nada a dizer, [riso] ô...

V.: Valda.

C.: Valda. Desculpa.

V.: E com relação ao Sindicato? Você partici... participou da criação dele?

C.: Não.

V.: Participou de algum sindicato?

C.: No sindicato eu não tive nenhuma participação, não sabe? Eu fui sempre assim, uma pessoa que nunca concordei com sindicato, tá? No passado, assim... que o sindicato não é uma coisa muito legal. Hoje eu sei que é uma coisa legal, mas na época da criação eu achava que não era uma coisa legal, que a enfermagem não precisava disso, e diversificar. A minha maior preocupação era essa, pra que diversificar, se a gente tem que unir naq... e o grupo era muito pequeno que trabalhava, então, se tinha um grupo pequenininho na, na ABEn, se tirasse esse grupinho pra ir pro sindicato, aí a ABEn poderia entrar num, num problema de, de, de transtornos, né, de ter pessoal pra administrar. Então, por isso que eu era mais contra o sindicato. Mas hoje não, hoje eu acho que está bem, tá.

V.: Você quando você fala legal, você quis, você queria dizer legal no sentido...?

C.: Não. Legal, importante.

V.: De bom?

C.: É, bom.

V.: Seria bom.

C.: É, eu inclusive tive lá no Sindicato o ano passado. Fui visitar, né, pra poder vencer essa minha característica contra o Sindicato. Eu fui lá, inclusive foi a Vânia [Lúcia Aguiar Faria], né? Que estava lá. Conversei muito tempo com a Vânia, e parece que a Vânia está fazendo um trabalho muito bom lá, não sei, né? E agora eu não sei quem que está lá mais não. não sei quem é, tá?

V.: Da... outra atividade sua que você mencionou, é, é você enquanto professora da Cruz Vermelha. Que relação você faz entre a sua atuação lá e aqui? Ou não tinha?

C.: Tinha sim, tinha um passado, não sei se você se, deve ter visto aí na história, que a Escola de Auxiliar foi criada aqui dentro dessa Escola Carlos Chagas, né?

V.: Conte essa história direito prá nós [riso]. É a primeira vez...

C.: É.

V.: Ninguém sabe até agora. A gente não conseguiu resgatar essa parte.

C.: Como a, a, a Escola de Enfermagem tinha as freiras vicentinas, sabe? Então elas achavam que a Escola deveria ter um curso de Auxiliar de Enfermagem, e sempre a Escola esteve, a Escola de Auxiliar de Enfermagem esteve submissa aqui, funcionava aqui dentro, administrada aqui dentro, assim, quando eu falava de São Vicente, dentro

da, o próprio grupo que administrava a Escola Carlos Chagas, administrava a Cruz Vermelha também.

V.: Enquanto freiras?

C.: Enquanto freiras, né?

V.: Na década, então, de cinqüenta.

C.: É por aí, nessa, nesse período. E quando o Clóvis Salgado entrou ele achou por bem separar. Quer dizer, essa foi a idéia do Clóvis Salgado. Você vê aí ele, eu acho que ele estava com outras intenções já, né? E como ele estava lá no Conselho Federal de Educação, ele já estava defendendo que os auxiliares se desmembrasse daqui e saiu realmente. E aí, com as freiras, continuaram, mas aí com outra conotação, né, já com o curso independente, auxiliar. E eu colaborava, sabe, com a Escola, dava aula lá pra, lá de saúde pública. Acompanhei sempre, e a gente trabalhava junta, Escola de Enfermagem e Escola da Cruz Vermelha.

V.: Outras docentes também?

C.: Tinha dona Izaltina, dava aula, é, tinha mais gente aqui da Escola que dava aula na Cruz Vermelha. Não estou me lembrando agora, mas tinha mais gente. A dona Maria do Rosário, dona Maria do Rosário se aposentou na Cruz Vermelha, sabe, Maria do Rosário Barros. Tinha mais gente que dava. E hoje, depois nós perdemos toda essa, depois que as freiras saíram, daí eu, o Clóvis Salgado criou essa Fundação e incorporou a Escola da Cruz Vermelha, né?

E.: A, a Escola então foi criada e a administração das duas escolas, a da Carlos Chagas e da Cruz Vermelha...

C.: ...é. Não tinha esse nome de Cruz Vermelha, né? Mas tinha nome de Curso de Auxiliar como, eles queriam, sabe, o que é dar conotação, que existia na Inglaterra, da Florence que tinha as, as, as damas importantes e tinha as auxiliares, então o objetivo era mais ou menos esse nível.

E.: Sei

C.: Sabe? Teria aquelas pessoas que faziam as tarefas rudimentares junto ao paciente e aquela outra que administraria, então o objetivo foi exatamente imitar. No passado a enfermagem imitava muito, mas se vocês forem olhar a história da enfer...

[FINAL FITA 5 LADO B] ???????????????

**FITA 6 LADO A**

C.: A gente copiava muito as coisas; tanto que é tão copiado que até as disciplinas eram iguaizinhas às da medicina. Se vocês forem olhar os currículos antigos a gente tinha Clínica Médica, não é, Clínica Cirúrgica, Clínica Obstétrica. Vocês olham, pegam um pouquinho o currículo que vocês vão ver tudo em termo de clínica. Aí pegava assim, dava uma enfermagem, enfermagem em oftalmologia, não é, enfermagem em otorrino, aquelas coisas assim que não tinham quase significado, não sabe. Mais para frente que nós vimos que teria que ser enfermagem em tudo. Não foi assim muito fácil pegar, tirar os médicos da Escola de Enfermagem para colocar enfermeiros, porque eles já se consideravam os donos das cadeiras da Escola de Enfermagem, sabe. Mas foi um trabalho que... acho que compensou hoje, e aí, a gente já não sente essa, essa desarmonia da escola de enfermagem e medicina. Acho que já... pelo menos eu não sinto, né. Era uma situação...

E.: ... como que era na época o acompanhar, por exemplo, do estágio das alunas é, de auxiliar, era, tinha uma relação, por exemplo, as alunas daqui que acompanhavam...

C.: ... os professores que acompanhavam...

E.: ... era os professores que acompanhavam... ou era o enfermeiro. Quem fazia essa supervisão?

C.: Quem fazia essa supervisão era os alunos antigos. Acompanhavam não só as alunas novas...

E.: ... era os mesmos moldes do Municipal?

C.: Municipal. Ma... a mesma coisa, não é. Então as alunas da Escola de Enfermagem mais antigas, né, acompanhavam as alunas da Cruz Vermelha. Então, dava supervisão, sabe? E eu acho que é, é, é, o objetivo era exatamente esse, o aluno começar a

aprender a administrar o pessoal subalterno, sabe, que eu acho que foi uma coisa muito boa. Aí, depois, perdeu essa dimensão. Parece que a escola agora está querendo resgatar isso, não sei, né. Aí, dentro aí do PRODEn, [Programa de Desenvolvimento da Enfermagem] eu vi assim um boato assim, parece, parece que está querendo resgatar isso aí.

V.: É, é criar uma outra escola de enfermagem... de nível médio...

C.: ... uma outra escola de enfermagem ... de nível médio, é...

V.: ... ligada à Escola.

C.: É. Eu vi esse boato e acho que, é mais ou menos um resgate, né, que... é interessante que aluna de enfermagem aprenda a fazer treinamento com o pessoal auxiliar. É importante que a aluna da escola de enfermagem aprenda a dar aula para o curso de nível médio, né. E essa experiência, quando ela vai adquirir? Tem que ser dentro da escola de enfermagem, não é? A própria escola tem que criar esses mecanismos, essas estratégias para o aluno aprender. É, que nós não tivemos essa oportunidade. E eu mesmo fiz estágio de, da parte de... de curso de didática que eu fiz em, em escola de 1º e 2º graus, e que deveria ser feito diretamente ligado à enfermagem, seria muito mais viável, né, muito mais interessante, sabe? Eu acredito que seja isso, um resgate.

E.: E financeiramente, como é que era, era mantido essa, é, é, é, eram mantidas essas alunas?

C.: Ô! A escola, essa, antes, né, antes, você sabe que as, as freiras sempre dão um jeitinho e tem verba do governo, tudo que era ligada, assim, a Cruz Vermelha, né, apesar de não ser Cruz Vermelha, mas que era, tinha essa conotação, tinha verba, inclusive vinha verba do estrangeiro [gagueira] da Alemanha, vinha verba, é, desses lugares, assim, que a Cruz Vermelha tinha uma força muito grande. Então vinha muita verba e as irmãs tinham esse dinheiro, sabe? Aí depois, quando o Clóvis Salgado assumiu, aí o dinheiro veio também do governo (inaudível) e lá no Conselho Federal de Educação. Então, a coisa ficou muito mais fácil, né. Então de custo, se você for pensar é, eu acho que tem pouco tempo que a Escola de Auxiliar de Enfermagem da Cruz

Vermelha passou a ser... é, seguir as diretrizes da, do Conselho Estadual de Educação, porque no passado não, ainda, é, Conselho Federal de Educação, escola de auxiliar da escola de enfermagem, sabe? Agora não, parece que, parece, não sei, não tenho certeza, mas eu acho que agora que eles passaram a assumir isso aí, sabe? Agora, no estado também, eu fui [gagueira] as coisas vão voltando um pouquinho, eu fui super..., eu fazia inspeção de todas as escolas de auxiliar de enfermagem, sabe? É..., era, era delegada para o serviço de enfermagem é, da Secretaria de Saúde, fazer a fiscalização dos cursos de auxiliar de enfermagem para, é, a autorização de funcionamento e reconhecimento; a gente ia, fazia os relatórios, tá. Com todo esse trabalho, né, era feito pelas enfermeiras da Secretaria da Saúde, sabe? Eu sempre comandava, porque a Dona Izaltina [Izaltina Goulart de Azevedo], pela idade dela, não tinha condições de viajar muito, então a gente viajava para todas essas escolas de auxiliares de enfermagem do interior e de enfermagem, a gente que fazia a visita, né. Em função disso aí também, depois eu fui convidada para fazer a inspeção nas escolas a nível nacional, sabe? Eu era de uma comissão do MEC [Ministério da Educação e Cultura], para fazer, é, as inspeções das escolas de auxiliares de enfermagem dentro daqui..., dentro dos locais que era mais fácil da gente ir. Nas escolas, por exemplo, de Passos, e eu fiz a, para funcionamento, depois veio a escola de Vargi... Varginha, como é que se chama? Alfenas, né. Aí depois de Alfenas ...

E.: ... curso só de auxiliar ou de...

C.: ... tanto de auxiliar quanto de curso superior. Isso já um [inaudível] ao MEC, né. É, a, uma escola de Jequié, no interior da Bahia, né. Eu fui até com a Silvéria [Silvéria Ferreira Goulart], nós duas pegamos um avião aqui, fomos para Salvador e depois fomos de ônibus para Jequié. É... as, a escola, até do Rio de Janeiro a escola, eu fui com a Rizoneide [Maria ,Negreiros de Araujo], escola... uma escola de enfermagem lá do Rio de Janeiro, que eu esqueci o nome, não sei o quê, Marques Lisboa, da Fundação Marques Lisboa, não sei se vocês conhecem. Lá no Rio de Janeiro, nós fizemos a fiscalização para funcionar, e..., e alguns cursos técnicos também do interior, também nós fizemos fiscalização. Então eu fazia parte dessa comissão, sabe, de fiscalização. (...)

V.: É, Carmelita, é... só para ... caminhar mais um pouco na história da Cruz Vermelha, havia transferência de alunos de lá para cá, que na..., naquela época ainda não exigia 2º grau para o curso de enfermagem.

C.: Isso.

V.: Como é que era essa transferência de alunas de lá para cá?

C.: As alunas eram estimuladas a fazer o curso de enfermagem, sabe? Elas chegaram no final do curso de auxiliar de enfermagem, então, elas eram estimuladas a fazer enfermagem, se ela tivesse ginásio, né?, porque muitas vezes a aluna falava assim: “Eu preciso me formar logo como auxiliar para trabalhar e ter dinheiro.” Naquela época, a gente era pobre assim, pobrezinha, não tinha dinheiro não. Então era muito difícil [riso] chegar para um curso de enfermagem e sobreviver, né, a gente tinha alimentação, tinha casa para morar, aí você precisava comprar as outras coisas para você, roupa, as coisas pessoais, e aí tinha que trabalhar, né, porque se não como é que ia sobreviver? Então, essas alunas que tinham o ginásio e que tinham feito o curso de ,auxiliar, a gente estimulava para fazer o curso de enfermagem e realmente acontecia, né?

V.: É, eu fui uma delas [riso].

C.: Ah, você foi uma delas, né! Então, a gente estimulava, sabe? Agora fazendo um parêntese aí, eu não sei se eu falei de uma, de uma moça que na época foi descoberto que ela tinha lepra dentro da escola. Acho que eu contei isso, né?

V.: Contou. Contou.

C.: Foi isso aí. Foi nessa época, foi na Cruz Vermelha, que me bateu aqui agora.

V.: Ela era aluna da Cruz Vermelha ou era aluna daqui?

C.: Era aluna da escola nossa.

V.: Ah! Da nossa.

C.: Terceiro ano.

E.: E você, você tocou num a... num, num tema aí que acho que ainda nós não falamos que era a condição sócio-econômica das alunas. Que você disse que eram todas pobres.

C.: É, a maioria.

E.: Não teve ninguém... a maioria, quer dizer, teve alguém que se destacou assim por ter uma condição financeira ou um nível mais ou menos de nível médio para baixo, como que era isso aí?

C.: Não, tinha gente que se destacava, né.

E.: Isso na Carlos Chagas?

C.: Na Carlos Chagas, né. Por exemplo...

E.: ... na Cruz Vermelha era...

C.: ... era pobre mesmo...

E.: ... era pobre mesmo!?

C.: É. Eu não sei em cada, quando ela fez, né, mais era isso aí, a pessoa precisava, né? Ah, nós tínhamos gente que assim de situação boa, filha assim, por exemplo, de desembargador, né. Adegibi Pinheiro mesmo, era filha de desembargador, sabe? A gente tinha alunas mais assim, com aquela resistência muito grande, porque a família não aceitava, principalmente porque a, naquela época, enfermeira a, a... “É amante de médico!” Então, as famílias, elas não admitiam que as filhas viessem fazer enfermagem, sabe? Então, muitas vinham, mais assim com muita dificuldade e às vezes a família não aceitava. No caso, por exemplo, a, a... eu não posso falar com vocês, a situação da Waleska [Paixão], nem a situação da Laís Netto dos Reys como é que foi, mas parece que elas faziam parte de uma aristocracia...

V.: ... política...

C.: ... né? Com muita dificuldade, mas elas conseguiram entrar na enfermagem. A Marina Resende, você vê que ela deu aula para a sociedade daqui e no entanto ela fez enfermagem também, só que a família não admitiu que ela fizesse enfermagem aqui. Ela teve que fazer fora, sabe? Para ver, assim: “Quem sabe ela vai fazer fora e depois ela cai na realidade que não vai fazer.” Então, tinha muita gente que, sabe, que fazia

isso. Nós tivemos, por exemplo, filhos de empresários que saíram da Bahia para fazer curso aqui. Os pais não deixaram fazer enfermagem lá na Bahia.

E.: Porque aí ninguém ficava sabendo o que estava acontecendo.

C.: Ninguém ficava sabendo. Eu tive duas colegas que vieram fazer, aqui ô, era filha de empresário em Salvador, né. E elas vieram fazer enfermagem aqui. Não..., por causa desse problema era difícil a pessoa da classe alta vir fazer enfermagem, sabe? Mas nós tínhamos pessoas que se destacavam. Mas na sua maioria eram pessoas de nível médio, né. Era professora primária que, às vezes, não queria lecionar e vinha fazer enfermagem. Eu mesmo fui uma, né [risos]. Sabe, que..., era professora primária e vim, mas eu não era de classe média, era de classe, classe pobre mesmo, sabe, era de classe pobre, sabe? E, e, então, era o pessoal assim que vinha, às vezes, buscando uma forma de sobreviver, estudar e depois conseguir um emprego para trabalhar e sobreviver, né. A maioria era assim.

V.: Onde que se registrava o diploma de enfermeira antes da criação do COREn ?

C.: Não tinha registro. (...) Ai, desculpa, tinha sim. É, tinha sim, secretária de saúde [riso]. Agora que estou me lembrando, bateu assim, na hora que eu falei não tinha, tinha sim. Era no mesmo local onde, nos médicos, era um local só, para médicos, é, farmacêuticos, é veterinários, dentista, era um serviço de fiscalização do exercício profissional. Todo o pessoal da saúde, era lá assim, que carimbava. Eu me lembro que eu fiz o meu lá.

V.: Só que, só que essa entidade não, não trabalhava em função das, das profissões, era só de registro...

C.: ... não, não, só de fiscalização...

V.: ... de fiscalização.

C.: É. Porque aí era registrado e se acontecesse algum problema do ponto de vista legal, estava registrado, e ela tinha que assumir por aquele ato que ele fez, sabe. Então, era no mesmo local, sabe, serviço de fiscalização do, da saúde no estado, todos os lugares tinha.

V.: Bom, e a história dos seus cinco filhos? Não entrou ainda.

C.: É [risos]. Isso aí. Ô, eu, a minha família, a minha mãe, ela teve nove filhos e além desses nove filhos, ela criou mais dois, duas, duas pes... duas moças, né. Então, a gente sempre tinha esses... E tem uma outra coisa interessante, a minha mãe, ela fazia um trabalho com idosos na minha cidade. Eu acho que isso marcou muito e eu, eu visitava com ela esses idosos, sabe? Ela fazia, às vezes, a alimentação do idoso e ia levar na casa, chegava lá dava alimentação, as pessoa... na boca, e aquilo acho que me entusiasmou um pouco trabalhar com idoso, né. E, e, então, quando a, eu vim para cá para fazer enfermagem, que eu já contei como é que foi... é... eu vim exatamente com esse objetivo: eu queria também ajudar a minha família, sabe? Tanto que quando eu me formei e comecei a trabalhar, eu trouxe não para cá, para Belo Horizonte, mas eu trouxe para Juiz de Fora porque eu já tinha dois irmãos que moravam lá, que vieram antes de mim, né. Eles vieram estudar é, e tinham terminado o ginásio na minha cidade, tinha é, é, [o curso para] professor ou ginásio, né? eles não quiseram ser professor. Como eu... havia me formado, eles fizeram só ginásio e vieram fazer o científico em... Juiz de Fora, sabe? E ficaram com os meus dois irmãos lá em Juiz de Fora... E depois eu trouxe uma outra irmã, não é, e assim eu fui trazendo a família. Só que os meus pais não quiseram sair de lá [gagueira], pessoas mais velhas têm uma resistência muito grande, né. Depois eu, vai chegar no quê que eu, eu adotei. E a minha mãe com essas duas filhas que ela adotou, ela tinha muito mais carinho do quê com a gente porque ela falava assim: “Ô, eu tenho que cuidar bem delas porque se não o pessoal aí fora vai falar que eu estou cuidando mal delas.” Então, o cuidado [riso] era bem melhor com as adotivas do que com a gente, né. E ela é, quando ela adoeceu, que ela fazia controle aqui com o doutor Carlos Batista aqui, no [Hospital] São Lucas, era o médico dela. Ela vinha assim, de seis em seis meses, ela vinha fazer, é, controle médico aqui e voltava lá para a Bahia, né. Em 1976 é, já... novembro ela veio fazer controle, sabe, ela veio fazer controle, e nesse controle eu, quando ela chegou, o Carlos Batista não estava aqui, tinha ido participar de um congresso, sabe, e ia demorar mais ou menos uma semana. Ela tinha vindo com a minha irmã que estava gestante, no oitavo mês de gestação, [tosse] sabe, ela não podia vir sozinha (inaudível) ela estava

com 71 anos, veio com ela, inclusive dirigindo o carro. Eles saíram da Bahia dirigindo um carro, veio com ela para cá, sabe, no oitavo mês de gestação, podia ter dado a luz antes. Então, quando chegou aqui, que o Carlos Batista não estava aqui, aí a minha irmã falou assim: “Eu vou voltar, não é, porque, é, eu não posso deixar o meu marido lá sozinho. Eu tenho que voltar, depois eu volto para apanhar, né.” E ele, a minha mãe não queria deixar que ela fosse sozinha [tosse] falou: “Não você não vai voltar sozinha, sabe? Eu vou voltar com você e depois eu, eu, eu volto novamente para cá, para fazer a consulta.” E ela então foi comigo na fazenda, né, nessa época eu já tinha a fazenda, e ela falou assim, quando ela viu a fazenda, ela achou uma coisa maravilhosa, ela falou assim: “Eu vou trazer todo mundo para cá.” Aí, as filhas adotivas todas casadas, tinha um filho... ela falou assim: “Eu venho para cá, eu gosto de fazer... é, vou plantar alho, vou plantar cebola.” Porque a terra lá é muito boa...

E.: ... isso tudo sua mãe?

C.: ... a minha mãe. Eu falei assim, ela falou assim: “Você aceita que eu traga o pessoal todo para cá?” Eu falei assim: “De jeito nenhum. Não quero mais assumir compromisso, né.” [risos] Mas aí ela dormiu, pernitoou lá comigo e viria no dia seguinte, foi num domingo, aí eu vim com elas dez horas, e na hora que eu cheguei aqui, ela perguntou assim: “Como que é, você aceita ou não o pessoal vim para cá?” Me colocou na parede, sabe? Isso foi no dia 8 de novembro de 1976. Eu falei assim: “Ô, já que a senhora está pedindo eu vou fazer essa concessão, né. Você pode vir, com pessoal todo, né.” E eu estava fazendo o curso da, da [Desli] sabe, à noite. Eu normalmente saía da escola e já ia lá para a Desli, né. Nesse dia, como ela estava aqui, eu resolvi passar lá em casa [disparo de um alarme] às cinco horas da tarde, sabe? Eu saí daqui, eu, eu tinha que chegar lá sete horas da noite, aí eu fui, quando eu cheguei lá em casa, encontrei a minha irmã... a minha cunhada do lado de fora da, da casa, gritando feito uma louca e a minha irmã lá dentro, a hora que eu parei o carro, ela falou assim: “Corre, que a sua mãe está morrendo.” Aí eu entrei, sabe, quando eu cheguei lá, a minha irmã estava com ela sentada na cadeira abanando porque ela estava com dificuldade respiratória, aí eu peguei e quando eu vi que é uma, que não sabia o que estava acontecendo, joguei no chão, comecei a fazer respiração artificial na hora, e

joguei no carro, e vim... São Lucas não tinha vaga, Hospital das Clínicas não tinha vaga no CTI, aí eu fui parar no Pronto Socorro com ela. Lá no Pronto Socorro, aí eu chamei o Carlos Alberto Faria que era o clínico dela, que foi lá e deu toda a assistência, e ela morreu. Ela morreu às oito horas da noite. Chegou às seis horas, às oito horas ela estava morta. Ela estava comendo umas balas, dessas jujuba, bala jujuba e engasgou com a bala, tanto que na hora que chegou aí no Pronto Socorro, que ela teve uma parada, que eles faziam [barulho de sopro] a massagem, saía bala, sabe. Morreu é, recebia...

E.: ... morreu com que idade?

C.: 71 anos. Ela ia fazer 72 em janeiro, sabe. Morreu com 71 anos. Tanto que aí eu falei: “Meu Deus, eu vou perder um curso da Desli, mas se ficar desligada do curso da Desli, né?” Eu pedi, tentaram ligar lá para a Desli e tinha um delegado de plantão aí no Pronto Socorro, sabe? Aí ele mesmo ligou, o delegado, comunicou que eu não ia por isso, que minha mãe tinha acabado de falecer. E foi aí que aquela luta tremenda, é, duas horas de internação no hospital, precisava de dar um, um atestado médico e não podia porque só tinha duas horas, né. Tinha que ir para a medicina legal o corpo da minha mãe. Eu falei: “Não, não vai. Eu não admito que isso aconteça. Vocês não vão dar mais vida para ela, não é?” E aí, esse que estava de plantão da polícia, que estava de plantão, falou assim: “Eu consigo um atestado para você.” Conseguiu, eu paguei quatrocentos cruzeiros naquela época, né, para você vê como é que é a coisa, viu. Eu comprei um atestado de óbito para a minha mãe se enterrada. Eu paguei. E depois eu descobri, né, olhando, que o médico que havia assinado, era o mesmo médico que trabalhava comigo lá no, nas obras sociais do padre Aguinaldo. Obstetra [riso], sabe, ele era obstetra e ginecologista. Enterrou, não, eu fiquei com aquele negócio na cabeça de que tem que mandar trazer o pessoal para cá, sabe? Tinha uma menina de um ano e nove meses, tinha uma menina de, de três anos, tinha uma de quatro anos e a mais velha tinha cinco anos.

E.: Neste momento já tinha, ela já tinha quatro que ela tinha adotado.

C.: Ela tinha seis, ela estava com seis, sabe, só que uma já estava aqui, comigo, é, lá tinha cinco, era a mãe com quatro filhos, não é. Eu falei: “É, tenho que assumir isso aí,

né.” Aí, mandei buscar, sabe, mandei buscar e não foi fácil, sabe, eu ter que cuidar desse pessoal todo, né.

E.: Você levou-os para a fazenda?

C.: Levei para a fazenda.

V.: Você morava na fazenda nessa época?

C.: Não, morava aqui. Mas eu estava lá, eu, eu ficava mais tempo lá porque, é, 76, 77, eu estava, eu sei que, eu estava fazendo uma coisa que, eu ficava mais tempo, fazendo uma pesquisa, uma coisa assim, sabe? Eles chegaram. Ela morreu no dia 8; no dia 15 de novembro eles já estavam aqui, sabe, eles vieram...

E.: ... foi rápido.

C.: Foi rápido, né. O meu cunhado trouxe na caminhonete, ele tinha uma caminhonete, porque ele era fazendeiro lá no interior da Bahia. Ele trouxe e eu mandei... coloquei todo mundo na fazenda, para poder inclusive ... o quê que eu ia fazer com tanta gente, né?, eu não estava acostumada conviver com tanta gente, inclusive com criança de um ano e nove meses, três, quatro, cinco anos, ia ficar muito difícil, né. E, e, e deu certo, porque em Taquaraçu tinha escola, né, aí, eu comprei um carrinho para eles, né, o mais velho nesta época aprendeu a dirigir, inclusive colocando almofada no, no carro para poder levar lá para Taquaraçu, né. E eles estudaram lá, todos eles estudaram e quando foi para fazer o científico, aí, eu trouxe para cá, sabe? Trouxe para cá e aluguei apartamento para eles, para não ficar lá, eu morava junto com a Nilza [Nilza de Andrade Ribeiro], eu morei com ela, né. Eles moravam num apartamento e eu, então, dava assistência para eles no apartamento. Dois já estão casados, hoje, né, uma está noiva, a terceira está noiva, uma, a mais velha inclusive está lá, lá em, em, na fazenda, mora até lá [gagueira], deve estar com trinta e dois anos já, viu! Essa que veio com cinco anos já está com trinta e dois anos (inaudível) passa rápido, né. 76 para agora, dá quanto tempo?

V.: Vinte.

C.: Não, é?... vinte anos, vinte, então, ela está com vinte e seis anos, acho que foi vinte e seis anos que ela fez agora. E tem uma solteira, que inclusive está programando aí para ir para a Alemanha para ampli... conhecer uma amiga aí, que foi para a Alemanha, né, e ela está querendo ir para a Alemanha, sabe? Então, está todo mundo aí criado, né. É agora...

E.: ... eles vieram com a mãe?

C.: Vieram com a mãe. Só que a mãe casou...

E.: ... e a mãe ainda está aqui?

C.: A mãe casou com outro.

E.: Ah, sim!

C.: Sabe, a mãe casou com outro e teve dois filhos do outro, que aí eu também assumi, tá, porque empregado rural você já viu, né? Eu assumi esses dois, além das, dos cinco que eu já tinha, que hoje um está com quatorze e outro está com treze anos, esses estão aqui, inclusive em Belo Horizonte, né. Estudaram, estão estudando para ... um está fazendo 1º científico e o outro está fazendo, é, 5º, 5º ano, 5ª série do 2º, do 1º grau, sabe? E com isso foi assim a minha vida, sabe, sempre vivendo, para dar atenção para os outros, para as pessoas, sabe? E há assim, uma... dizem que, que santo de casa não faz milagre, né, e por mais que a gente faça pelas pessoas, as pessoas nunca acham que você está fazendo, não é, sempre tem que fazer mais, sempre tem que fazer mais, né. E... a, a... (...) E assim foi a vida. [riso] Minha vida foi isso aí!

V.: Seus projetos de hoje, além da casa dos idosos?

C.: É só isso, viu, Valda, só... Eu acho interessante, eu não sei se tem alguma coisa que me amarra, sabe, às vezes, eu programo uma viagem... Eu já passei, ela falou com vocês que eu, que eu passei para o grupo católico depois, é, algumas vezes eu passei para protestante, depois entrei no grupo espírita, né, depois saí do grupo espírita, hoje, estou em um grupo esotérico. Mas, num grupo esotérico que eu não aceito, sabe, como que você está [risos] (inaudível), estou lá, sabe, tentando descobrir se tem algo diferente para poder entrar, porque a partir do momento em que, é, entra fanatismo nas

coisas eu me afasto, eu não gosto nada de fanatismo, sabe? Então, é, esse grupo de esoteristas, é, é rejeita, por exemplo, quem é espírita, rejeita quem é prostituta, quer dizer, você não pode conviver com um homem, se você conhecer a dez anos e está vivendo com ele é porque você ama, eu, eu acho que é o verdadeiro casamento. Se você conhecer o indivíduo hoje e passar a viver com ele amanhã, você está casada com ele, eu penso assim, sabe? Então, a partir do momento que você entra no livre arbítrio do outro, eu não aceito essas coisas e esse grupo é assim, sabe? E... eu, então, estou assim balançando, sabe, para sair [riso]. Estou querendo ficar não, sabe, inclusive esse grupo que dá esses cursos aqui, de [teosofia ], não sei se vocês estão sabendo aí, né. Eu estou aí, estou ajudando, mas tem coisas que eu não aceito muito não, sabe? Mas ainda num, eu acho que num é isto que eu quero não, tem alguma coisa que eu ainda não descobri, que eu estou buscando...

E.: ... você continua buscando?

C.: Continuo, sabe, eu não parei não, continuo buscando porque... Outro dia, eu vi uma coisa assim, muito interessante, não sei se eu coloquei para vocês, eu vi num quadro, passando, estava assim escrito: “Aquele que é livre de todas as tendências é o verdadeiro sábio.” Olha para você vê que profundidade o negócio. Eu não sei de quem é, a pessoa que colocou lá, não colocou de quem é, sabe? Mas eu penso assim, eu acho assim, que a gente tem que ser livre de todas as tendências, criar a própria tendência pessoal, né, para você conviver, porque se não você fica assim... parece que as coisas lhe limitam, a partir do momento que você entra num processo de controle, que você fica limitado no seu conhecimento, seja qualquer... seja o conhecimento que for, mental, social, físico, material, tudo isso, sabe? Então, eu estou buscando, ainda num, num, eu acho que não é isso, para mim ainda está faltando alguma coisa. Agora, em relação a... problemas de amigo, não sei se vocês observaram, eu não tenho assim, amigos específicos, eu convivo com todo mundo, né, é, eu assim, eu não tenho assim uma, aquela ligação de ficar... porque tem pessoas que conhecem um e ficam eternamente [batendo a mão na mesa]. A partir do momento, que eu sinto que determinada pessoa não me satisfaz em determinadas coisas, eu me afasto, né. Não, não crio problemas, nada, não tenho assim, amizades rígidas, eu tenho pessoas que eu

convivo, né, (inaudível) amanhã, aqui, mas não tenho assim, pessoas que obrigatoriamente eu tenho que conviver, sabe? Eu não sei se isso é certo ou errado, eu não sei (inaudível) que pode. Mas o meu caminho é esse aí. É que, é construir o asilo e... inclusive vou morar lá, não é.

V.: A dona Nilza é uma exceção em relação a amizade longa?

C.: Vou contar para vocês...

V.: ... porque também é dá Barra, né?

C.: É da minha cidade [tosse]. Nós estudamos no mesmo colégio, em, em, em épocas diferentes, né?

V.: Sim.

C.: Agora, o problema da Nilza, tem uma coisa muito interessante, quando o marido dela morreu, ele me pediu para cuidar dela, se não e... já tinha saído de perto de mim, sabe? É, exatamente porque a partir do momento que uma pessoa começa a penetrar no seu campo, no seu livre arbítrio, eu acho que lhe incomoda e a Nilza, ela tenta me tratar como se fosse filha dela [risos], entendeu? Então, eu me controlo. Quer dizer, ela chega, ela mexe no meu guarda-roupa, ela tira as coisas, ela fala assim: “Isto não presta.” Ela pega e joga fora [riso].

V.: Igual mãe.

C.: Você entendeu? É, igualzinho. Ela me... ela comporta comigo, como se fosse uma mãe. Então, como ela perdeu muito cedo os filhos dela, se casaram e foram embora, então, ela fala assim: “Ainda tem esta daqui para eu comandar.” Sabe? Então, eu não me afastei da Nilza por causa disso, porque o marido dela fala assim: “Vo... eu vou morrer e você vai cuidar dela.” Quer dizer, na época, eu acho que eu estava louca, sabe? [risos] Se fosse hoje, eu não assumiria não, sabe? Não assumiria de jeito nenhum. Então, hoje eu me sinto assim... como se fosse uma pe... eu gosto muito da Nilza, sabe, eu acho que é uma pessoa assim, excepcional, ela, quando ela é amiga, ela é amiga mesmo, ela tenta inclusive até adivinhar os pensamentos das pessoas, sabe? Mas, inclusive na Escola de Enfermagem, ela foi secretária durante esse tempo aqui,

que eu fui diretora e fora disso. Então, eu acho que é por isso, que eu com..., que eu ainda estou com ela. Ela está com setenta e dois anos. Eu ago..., eu não sei se sou eu que vou morrer primeiro do que ela, né [risos]. Estou lá com ela, sabe, não tem contra indicação. Às vezes, é, é, há pouco tempo nós entramos em ativa por causa das [inaudível], porque o filho dela teve dificuldades lá no norte, né, e ia morar aí. Então, o filho, com a esposa e mais três filhos. Então, ficou assim, complicadíssimo, porque ele tinha menino de, de dois anos, um ano, coisa assim, e você está dentro de uma casa, depois de uma certa data de vida, caminhar diferente, você tem que tolerar criança é muita coisa, né? Eles ficaram aí quatro anos, sabe? Quatro anos dentro de casa, morando. O ano passado é que eles foram embora. As meninas foram agora, no mês de dezembro passado, 95. Que os pais se firmaram lá no norte e elas foram, sabe? Mas, foi uma fase assim, muito difícil, porque ela, ela tratava assim, com muito rigor as crianças, e eu não aceitava, eu achava que não devia. E tinha uma mais velha, que era de quinze anos, que era mais mal tratada a menina, sabe, eu não porquê, a menina era do tipo assim: “Eu não aceito o quê você está falando.” Eu, sabe, ela era, era, dependente, independente e ela, a Nilza, não aceita as pessoas independentes, ela quer sempre que..., sabe? Por exemplo, eu falo para ela assim: “Eu estou de regime. Não deixa comida para mim.” (inaudível), né. Eu chego lá, está lá o pratinho feito em cima do fogão.

E.: É a mãe, né? [riso]

C.: Já pensou!? Agora, se eu não comer aquilo... por isso que eu falo assim: “Ô...

V.: ... acha ruim...

C.: ... eu prefiro não comer nada, chegar lá e pelo menos comer alguma coisa do que ela deixa, porque se não, se eu não comer vai ser uma ofensa, né, sabe? E eu acho que a Nilza, ela já está numa fase, em que ela tem que aproveitar a vida dela, sabe, ela viveu sempre para os outros, né?, e, e hoje eu acho que ela precisa. Tanto que agora, ela está viajando muito, ela viaja e fala assim: “Ô...” Eu estímulo: “você tem que viajar.” Ela foi em dezembro e voltou agora em março, sabe? Exatamente para poder ela viver co..., viver coisas diferentes, não é?

E.: E você, quando que vai viver essas coisas?

C.: Só depois que eu me formar [risos]. Agora, tem esse problema aí, né, né, Estelina. Claro! [risos] Eu estou com esse problema aí, muito sério, viu, Estelina!? Eu... sabe que outro dia eu estava pensando, fiquei parada pensando assim: “gente! Será que eu estou certa? Eu devia estar viajando, conhecendo o mundo inteiro, né? Que será que eu estou enfiada nesta medicina!” [risos] Sabe, que outro dia eu tive vontade de parar, sério! Fiquei assim analisando...

V.: ... o quê que é isso que eu estou buscando?

C.: Quê que é isso que eu estou buscando, sabe? Inclusive, vendo as coisas que eu estou vendo aí, nos ambulatórios... Na, na terça-feira, eu atendi uma senhora... sessenta e dois anos, diabética, né, hipertensão arterial, foi operada um mês atrás de cálculo de vesícula, inclusive a cirurgia tradicional, conservadora, com aquela cicatrizona, inclusive com aquela queloíde enorme, assim, parece que não tiveram cuidado. Foi operada no Hospital São José, deve ter sido por aluno de, de medicina, sabe? Marido, sessenta e um anos, aposentado pelo INSS, um salário mínimo, ele é o único que ganha dinheiro em casa, cinco filhos... e, e inclusive pegue... Ela estava sendo atendida no SUS de Venda Nova [bairro de Contagem] com medicamento receitado para, para pressão arterial que inibia o medicamento que ela tomava para diabete, sabe? Então, a gente fica vendo essas coisas e, e, e fica desiludida, porque o médico não analisa a coisa direitinho, sabe? Um ho... uma pessoa pobre, não é, com essas doenças... o quê que será que está acontecendo com o ser humano? Aí, eu fui, perguntei, o quê que está acontecendo com o ser humano? Que, a, está..., que o pessoal está doente, muito doente, sabe? E... como eu só convivía mais na saúde pública, a gente não via essa coisa que estava passando nos hospitais, sabe? E eu tenho a impressão que sempre foi assim, né? Então, isso, às vezes, me desanima pelo atendimento, às vezes, eu vejo... as pessoas, o aluno está lá, de medicina e o professor está lá para ensinar o aluno, mas está lá muitas vezes em função do doente. E eu acho que o doente deveria ser o objetivo, mesmo tendo aluno, o paciente que deveria ser a pessoa mais importante. E não é!

## [FINAL FITA 6 LADO A]

### FITA 6 LADO B

C.: ... desanimou por fazer assim, umas análises, né? E, e, e, eu acho que contei para vocês, a criança que saiu, estava com uma hidrocefalia, sabe, e... uma criança que saí com o relatório de recém-nascido normalíssimo, dum... e depois de um mês apresenta um problema de, de, de hidrocefalia que, que só as medidas já dava para você ver assim, esse aqui tinha um problema, sabe, um perímetro encefálico maior que o torácico, já dá para você conhecer: “não essa criança tem que ficar em observação, tem que ser feita alguma coisa.” Então, dá alta e manda essa pessoa para o interior, para um lugar onde não tem recurso. Então, eu acho que está faltando isso, essa consciência, sabe, esse respeito em relação ao ser humano e isso tem me feito assim, repensar muito, sabe, se eu estou certa, se eu não estou certa, talvez, eu esteja fazendo esta medicina aí por... cabeça dura, para mostrar que eu entrei com um processo [riso], eu não posso deixar esse negócio no meio do caminho, às vezes, eu fico pensando isso, sério [riso], sabe? Eu poderia pegar meu, é, meu dinheiro que eu ganho e ir, sabe, vender essa fazenda aí e passear, conhecer, né?, as coisas. A gente não sabe o que está por vir aí, na vida da gente, né? Então, às vezes, eu fico pensando isso assim, sabe, reflexão. Eu estou começando a fazer reflexão. E a gente começa a conviver com as pessoas, eu vou, eu normalmente é... eu convivo com as pessoas e me desligo delas, ela liga, ela faz o que quiser, né?, mas chega em um determinado ponto que você vi..., convive com determinado grupo, aí você, é..., você fica convivendo com pessoas que dentro de um grupo ela tem um comportamento e quando chega lá fora elas têm outro comportamento, então eu não aceito, eu, eu acho que ainda sou rigorosa nessas coisas, não é?, acho assim, que a pessoa que tem um comportamento aqui, ela tem que ter o mesmo em qualquer lugar que ela chega, ela não muda, ela não deve mudar o comportamento, sabe? E eu não aceito isso, e quando eu vejo isto em um grupo, aí eu

me afasto. Eu não sei se eu estou errada ou se estou certa, sabe? Quer dizer, ao invés de eu penetrar e fazer alguma coisa para mudar naquilo ali, eu prefiro... hoje, eu não entro mais, sabe? Eu acho assim, que não está na hora da gente ficar dando murro em ponta de faca, acho que está na hora de cada um se defender, sabe? Agora, está certo eu fugir? Interrogação. Eu não sei. Não isso aí, são interrogações que eu estou colocando...

E.: ... pontos de interrogação que você colocou...

C.: ... muito, e muito...

E.: ... Gonzaguinha? [riso]

C.: Eu nunca coloquei tanto ponto de interrogação como estou colocando agora nas coisas.

V.: Isso é maturidade!

C.: Né? [risos] Viu, está assim sendo, inclusive a convivência com as pessoas o, o falar, né, com as pessoas. Às vezes, você fala com a pessoa uma coisa assim que você acha que é importante para ela e na realidade não é. Que a gente acha assim: “eu vou falar porque isso é importante para ela.” Mas na realidade não é importante para ela, eu não tenho que falar não, porque ela que tem que descobrir o que é importante para ela, sabe? E quando a pessoa, a gente vê que a pessoa está seguindo um caminho que a gente colocou para ela que ela não segue, aí a gente fica pensando: “o quê que está acontecendo, sabe?” E isso vai desanimando a gente na convivência do dia-a-dia, sabe? Vamos ver o que vai acontecer. Não sei o quê que... o futuro a Deus pertence, né? Será que pertence a Ele ou pertence a mim [risos]?

V.: É outra pergunta, né, Carmelita?

C.: É outra pergunta que eu estou fazendo. Porque a gente sempre coloca as coisas nas mãos de Deus. Coitado de Deus, sabe? [riso] E eu acho que está na hora da gente assumir as próprias coisas, ao invés de falar assim: “ah, isso é porque Deus quer, está acontecendo tudo isso...” A gente tem que começar a assumir, inclusive, trabalhar isso aqui, né. Outro dia, eu vi na televisão, a experiência de um médico que está fazendo

curas através da [utilização] do próprio cérebro da pessoa. Acho que eu coloquei para você, não? Para você, eu não coloquei não, né?

E.: Não, não.

C.: É... ele... eu já li muitas vezes que nós seres humano, humanos, usamos 5% do nosso cérebro, tá. Ele está fazendo um trabalho para o ser humano usar 10% do cérebro, das atividades cerebrais. E com isso ele está conseguindo recuperar muitas pessoas com, é, hemiplegia, sabe? A pessoa está conseguindo, inclusive, ele atendeu um pianista, ele levou uma pancada na cabeça, lá na Europa, sabe, ele saindo do concerto e ele perdeu o jogo das mãos, quer dizer, a profissão dele, ele... sabe, ele perdeu. E ele fez tratamento com esse médico e voltou a tocar piano, sabe? Ele atendeu o Osmar, Osmar Santos, que foi acidentado, né?, é... aquele repórter esportivo, lembra dele?

V.: Sim.

C.: Ele já está..., voltou a televisão. Ele estava em coma, ele teve em coma muitos dias, trabalho deste médico ele está fazendo, sabe? Então, eu estou exatamente tentando ver como que a gente poderia fazer um trabalho neste nível, a, o, é começar da minha pessoa, fazer um trabalho como que eu posso acelerar a utilização do meu próprio cérebro para poder curar as minhas doenças, né?, as minhas coisas, porque se eu sei que eu estou usando 5%, eu posso ampliar, né?, essa utilização mais um pouquinho e tentar fazer um experiência na minha pessoa para depois a gente aplicar nos outros. Fica muito mais fácil, né? Eu tentei inclusive fazer isso com a, com a Lídia [Maria Lídia de Queiroz Rocha], mas ela não aceitou. Mas, eu fiz um trabalho com um aidético, não sei se vocês ficaram sabendo? Ficaram sabendo não, né?

V.: Não, não.

C.: Eu fiz um trabalho com um portador de AIDS, eu fui por acaso chamada para preparar um rapaz de vinte e dois anos para morrer. Só que foi um convite assim, meio estranho [risos]. Às vezes, eu falo para vocês assim: “que eu (inaudível) sem saber, né?” [risos] Então, me convidaram para fazer um preparo com esse sujeito morrer, vinte e dois anos, sabe? Quando eu cheguei na casa dele, eu vi aquele cadáver em cima

da cama, um rapaz com um metro e setenta, e cinco pesando trinta e nove quilos, em cima de uma cama, (inaudível) com um cadáver direitinho em cima da cama, sabe? Aquilo ali me comoveu, me deu uma dor no coração, mas eu não fui sozinha, fui com um grupo, né. Nesta época eu pertencia ao espiritismo. Então, eu fui com um grupo que pertencia ao espiritismo. Aí, eu falei assim: “gente! Eu tenho que fazer alguma coisa por este rapaz, não posso deixar de fazer alguma coisa por esse rapaz, né.” Aí, mandei o pessoal embora do grupo, né, e... sentei na cama, conversei com ele, falei para ele assim: “Você por acaso já fez alguma reflexão, por que você está assim?” Sabe? Primeira coisa que eu falei: “Por acaso já fez reflexão, porquê que você está assim. Você já buscou a causa, porquê.” Ele falou assim: “Não.” Eu falei assim: “Você por acaso pensou que alguém pode ajudar você a sair disso aí?” Ele falou assim: “Não, nunca pensei, que eu esto... o médico está me atendendo, né?” E... inclusive, ele fazia controle aqui, ô, no Hospital das Clínicas com o.. Grego, Consugrego, Consugrego, que ele chama?

E.: Dirceu Grego.

C.: Dirceu Grego, é. “Eu estou indo lá todo mês. Faço controle, às vezes, semanalmente, né.” Aí, eu falei assim: “Você sabe que você mesmo pode se curar?” Ele falou assim: “Como eu posso me curar?” Eu falei: “Não sei. Você vai descobrir como você vai se curar, né. Então, eu estou colocando aí três perguntas para você, sabe? Eu vou lhe dar três dias para você pensar. Dentro de três dias eu volto para conversar com você.” Isto foi no mês de outubro. Três dias depois eu retornei, sabe, eu já senti que ele tinha mudado, sabe, eu senti assim, que alguma coisa brotou de dentro dele, sabe? Eu falei assim... ele falou assim: “Ô, eu estive pensando no que você falou e, e...” E a família toda ali esperando ele morrer, né? “... e vou..., é, quem sabe você não podia me ajudar?” Eu virei para ele e falei assim: “Eu!? Você acha que eu posso lhe ajudar? Se eu puder, eu estou aqui, né?” Estendi a mão para ele, ele pegou na minha mão. Ele falou assim: “Engraçado. É a primeira pessoa que eu consigo pegar na mão. Porque ninguém nunca me deu a mão, sabe?” Aí, eu passei a frequentar a casa desse rapaz duas vezes por semana, conversando com ele, conversando, conversando. Aí, eu comecei a providenciar fitas de relaxamento, né, para ele, levava, ouvia,

conversava, sabe? E ele foi fazendo um tipo de... é... colocando para fora tudo que lhe incomodava, sabe? Isso foi... quando foi no dia 24 de dezembro, na véspera do natal...

V.: ... deste ano?

C.: Não, isto foi mil nove... ele morreu... tem dois anos que ele morreu, mas ele viveu depois disso, ele viveu dois anos, sabe? Foi em mil novecentos, nós estamos em noventa... foi em 92, 93, 1993. Em outubro de 93. E quando foi em dezembro, ele fez uma, uma [revisão], e o médico colocou assim, uma interrogação no resultado dele, sabe? Ficou aquela interrogação e vi que o negócio estava dando certo, né, não sei. Acho que a cabeça dele, ele está mudando, ele mesmo está a cabeça, né. Aí..., mudei regime, sabe, mudei a alimentação, primeiro você não vai comer nenhum tipo de proteína. Tirei tudo quanto é proteína da alimentação dele, né. Porque assim, a proteína, ela serve para o, ela serve para alimentar o, o vírus, qualquer vírus se alimenta mais por proteína, ou seja, não vai comer proteína. Você vai passar a tomar sucos naturais, vai tomar é... caldo de feijão, né, e... tomar banho duas vezes no dia, não é, isolei, porque naquela época eles iam receber visita. “Você não vai receber visita nenhuma a partir de hoje. Ferver a roupa todo dia”. A mãe dele fazia, né? “E você vai, quando você for ao banheiro, você vai ter a preocupação de lavar as mãos, os braços, né, todas às vezes. Usando uma toalha, você não pode usar mais aquela toalha, a não ser uma vez.” Fiz um trabalho, sabe? E quando foi no di... no, no dia 9 de fevereiro ele estava com 60 quilos, tá. Foi assim, aquela coisa exuberante, sabe, foi uma coisa maravilhosa. Até eu me assustei, sabe? E tinha uma coisa que eu fazia, que até eu depois quero fazer um estudo, uma pesquisa, é que eu fazia uma doação de energia minha para ele, sabe? Eu passava a energia assim, é... não é, não é só por pensamento não. Eu dava as mãos e falava assim: “pode me su... pode sugar minha energia.” E pedia para ele: “sugue a minha energia.” Então, eu passava energia para ele, sabe? E ele inclusive já, já estava mexendo... ele estava aposentado pelo INPS, né. Então, quando ele engordou, sabe, todo mundo ficou assustado. A família inteira ficou assustada, né, com aquilo, e a partir daí eu comecei a receber telefonema, você sabe, que do Brasil inteiro, para poder fazer este tipo de trabalho. Serviço em São Paulo. Tinha um empresário em São Paulo que queria que eu fosse para lá e ele me mandava

o avião me pegar para fazer o trabalho com ele lá em São Paulo. Depois uma senhora lá do Espírito Santo, não é, me telefonou lá de Vila Velha para fazer o trabalho. O filho dela tinha 25 anos, sabe? Depois uma criança de 4 anos, a mãe me telefonou, né, para fazer o trabalho. E aí, a coisa foi crescendo, foi se (inaudível) e eu sem tempo para fazer aquele tipo de trabalho, não é.

V.: Você atendeu esses pedidos? [tosse]

C.: Eu atendi por telefone. Mas, eu não podia me deslocar daqui para lá, sabe? E, e aí, eu fiquei triste, parei com tudo isso, devia ter terminado esse trabalho, né. [tosse] Aí, esse rapaz, é... eu conversei, passei a, a, ele começou a receber visita, mas só podia receber visita da irmã e da tia, sabe?

E.: Como... antes de você continuar, como que você determinou, de onde que você determinou, por exemplo, que ele não poderia receber visita e que ele tinha que lavar roupa, que ele tinha que lavar esses braços, de, de, baseado em quê?

C.: Baseado em quê, né. Interessante, né, Estelina? A proteína, eu já tinha estudado alguma coisa sobre o vírus, né, da AIDS, que ele a, a, através lá do [T<sub>4</sub>], eu já tinha estudado em microbiologia. Então, eu achei assim, ô, ele, ele não vai ter proteína para ele alimentar, sabe, então, se ele não tem a proteína, então, basicamente, ele não vai é, fazê... haver crescimento por parte dele, né? Isso assim, empiricamente. A, a, a, a minha preocupação é que ele não tivesse infecção secundária. Então todo esse cuidado de lavar, de ferver, o objetivo era não adquirir infecção secundária. Era esse o objetivo.

E.: E a visita também?

C.: E a visita também. Automaticamente, a pessoa que vai lá, não é, (inaudível) visita também. Então, com isso eu acho que houve um corde, né?, de tudo aquilo porque ele... é... não teve mais nenhuma infecção secundária. Ele tinha problema intestinal, não teve mais, se recuperou, sabe? Teve assim uma recuperação fabulosa. Quando ele completou sessenta quilos, ele pesou sessenta quilos, aí, eu comecei a atendê-lo aqui no Hospital das Clínicas. E conversei com Grego para poder a gente fazer um trabalho dele, fazer titulação no sangue dele. Ele assustou com o trabalho que foi feito. O rapaz chegar naquele nível. Mas, ele não fez nenhum esforço para fazer um... eu queria que

ele fizesse uma pesquisa, alguma coisa, porque eu como enfermeira não podia penetrar no Hospital das Clínicas. Ele só falou assim: “Vai fazer esse trabalho no Hospital das Clínicas porque tem muito doente lá em cima”. Eu falei: “Eu não. Primeiro tem que resolver este daqui, né?” Aí, eu passei a atendê-lo aí, né, quando foi no mês de maio, aí, eu falei assim: “Ó, você pode voltar a trabalhar, né. Você está bem, né, e... você pode passear, você pode namorar.” E o exame dele só dava assim, interrogação, sabe, não tinha, não estava comprovado AIDS não. Só interrogação, sabe? Inclusive, eu tenho todos os exames dele guardados. Depois, eu vou fazer um estudo de caso e vou apresentar, sabe? Aí, esse paciente, dei alta, ele voltou a trabalhar e ele inclusive, ele era homossexual, viu. O problema maior dele... ele pegou... e esse rapaz distribuiu AIDS por este Brasil inteiro e na Eu-ro-pa inteirinha, tá? Tinha parceiros na Europa, sabe? É... e ele voltou a trabalhar. E depois eu descobri que o parceiro dele era o próprio chefe dele, sabe? Firme. Ele era assim uma, uma pessoal inteligentíssima, bonito, sabe, um rapaz... ficou lindo o rapaz, sabe? E aí, as moças começaram a dar de cima dele para namorar e ele perguntava assim: “Eu posso namorar?” Eu dizia assim: “Namorar você pode, mas você tem que saber até onde você vai, né? Eu não vou poder ficar, daqui para frente, ficar controlando sua vida. Você é que vai ter que, né?, controlar.” Isso foram dois anos, sabe? A família ficou entusiasmada. Até a pouco tempo, a Maria me ligou, sabe, assim feliz da vida. Só que, no final destes dois anos, ele voltou à mesma vida anterior, sabe? Começou a ter parceiros, né, começou a viajar, sabe? Esse... foi com esse chefe dele para Tobago, sabe, né... lá na, na, na África, né? É África que fica Tobago?

V.: É. Tobago?

E.: ... É no, no Caribe, não é?

C.: É, é, não sei, é por aí. Foi passear, foi passar férias, um mês de férias. Só que aconteceu uma coisa muito séria. É que ele tinha um sentimento de culpa muito grande, sabe? E quando ele voltou novamente a ter esse parceiro, aí, o sentimento de culpa dele voltou todo de novo. Aquele trabalho que eu tinha feito anteriormente voltou, sabe. A resistência dele caiu, sabe, teve uma queda assim brusca de, de... e ele teve uma crise de monilíase, lá, sabe? O sentimento de culpa invadiu o corpo dele e ele

teve uma crise de monilíase. Foi tão forte a crise de monilíase que rebentou um vaso [sanguíneo] no lábio e lá eles não tinham como assistir, queimaram algodão, e colocaram a vara de algodão queimada em cima. Tanto, que ele chegou aqui com isso, não é. Me telefonou. Eu fui lá. E a primeira preocupação foi tirar aquilo, porque aquilo para ele era um..., um rapaz bonito daquele, né. Começou a freqüentar festinhas, essas coisas todas, né. E aí, depois que nós tiramos o algodão, tudo isso, ele virou para mim e falou assim: “Eu não quero mais viver. Eu não quero mais viver porque não adianta. Eu não tenho força para poder não enfren... para enfrentar essas coisas que são colocadas no meu caminho. Eu vou desistir.” Eu falei: “Não, você pode continuar viver. Acho que é um trabalho que você pode fazer consigo mesmo, né. A gente, vamos fazer junto este trabalho, né.” Ele falou assim: “Não. A partir de hoje, eu vou buscar a morte em todos os momentos; não vou me suicidar, mas o que eu puder fazer para eu morrer, eu vou fazer.” Aquilo me doeu. Depois de um trabalho tão grande, né. Eu fui lá, passei a visitar mais freqüentemente, sabe. Ia lá na casa dele. Ele falava assim: “Ô, essa noite eu sonhei com a morte.” Ele colocou tanto na cabeça (inaudível) com a morte. Aí, um dia, eu pedi que ele viesse aqui no, no Grego, né. E o Grego pediu que ele internasse para fazer uma ultra-sonografia, fazer um controle. Mas só que não tinha vaga aqui. Ele mandou lá para o [Hospital] Eduardo de Menezes. Lá no Eduardo de Menezes, eu ia uma vez por semana, porque ficava muito distante para eu ir lá, né. Ele ficou duas semanas internado. A última vez que eu fui lá, ele falou comigo assim: “Você pode vim, não tem problema não. Mas não adianta, porque eu não quero viver mais. Eu não quero viver mais.” E ele morreu no dia 13, depois do fim do..., né, completa... faz... dois anos e meio. Ele morreu dia 13 de julho, sabe, e... mas de qualquer forma a família ainda ficou muito grata, porque com o rapaz que estava quase morrendo, ele ainda conseguiu viver dois anos com a família, né. E assim, eu fiz esse trabalho, né. O rapaz morreu, né, lamentável. Inclusive, eu queria usar esse rapaz para poder fazer um trabalho para frente, quem sabe assim de... de fabricar vacina, qualquer coisa assim, pegar o sangue dele, fazer um estudo, sabe? Quer dizer, eu queria alguém que me orientasse nisso. Acho que o Grego poderia ter feito, mas ele simplesmente... não deu muita importância, sabe, ao trabalho. Então, esse foi um trabalho também que me deu muita satisfação, sabe? Outro trabalho que eu fiz, foi com

uma moça que teve tetraplegia, sabe? Dezenove anos, estudante de, de comunicação social, aqui da universidade. E ela [tosse] ficou é... na cama assim, sem poder mexer com nada, né, fazendo xixi na cama [gagueira], intestino solto, tudo, né. Não mexia com as mãos, nada. E em função deste trabalho, me convidaram para ir lá, sabe? Eu fui, né, (inaudível). Vou lá. Fui e comecei a fazer o trabalho com ela, sabe? Mas o maior problema dela, era que ela, ela não acreditava muito no trabalho, sabe? Mas, eu estava lá, firme, né, fazendo e ela fala assim: “Essa noite eu sonhei com isso, né.” E o meu trabalho com ela foi todo assim, em cima de visualização, sabe? Sa... já que o cérebro comanda tudo, o cérebro pode mandar um, um estímulo para determinado órgão, fala assim: “Você pode funcionar se você faz um trabalho desse, constante, né. Você vai ter resultado.” Eu comecei a fa..., passar [visualização] com ela, fazia com ela e ela fazia depois sozinha, né. Tanto, quando eu deixei essa moça, ela já estava na cadeira de roda, né, fazendo fisioterapia, andando já na barra, segurando, sabe, e já pintando. Ela já estava pintando, sabe? É o trabalho do controle de esfíncter urinário, foi assim, maravilhoso, sabe. Ela vivia de fralda, aí, eu falei assim: “Ó, você vai toda noite falar assim: eu vou levantar, vou no banheiro, fazer xixi. Você vai dar todos os passos, mentalmente você vai fazer isso, né. Você está na cama. Antes de você é, é, achar que você está com a bexiga cheia... - porque ela estava de sonda, né. - ... você vai ficar com a sonda pinçada. Então, você está com vontade, bexiga cheia, você vai falar assim: eu vou levantar e vou ao banheiro.” Então, ela fazia esse trabalho com ela. Controlou o esfíncter da urina e ela passou a não mais usar fralda. Até assim, um trabalho assim bonito e eu acho que a enfermagem tem que começar a fazer esse tipo de trabalho para frente, é isso que a enfermagem precisa fazer. Hoje a... fiquei sabendo semana passada, porque eu afastei, né, do trabalho, por causa dos meus estudos lá na universidade. Eu fiquei sabendo que ela já está muito bem. Quer dizer, não está andando de todo, mas ela já está assim, só de uma pessoa ter um controle, né, porque a, o acidente foi aqui, ô, na cervical. Ela teve um corte, né, na cervical. Sentada já normalmente, já mexendo com as mãos, né. Às vezes mexe co... ela já consegue colocar o sapato, sabe? Então, são trabalhos assim que poderia ter tido uma dimensão maior se eu tivesse dado continuidade...

E.: ... a sua interpretação disso, é, simplesmente cerebral ou você dá uma dimensão também espiritual para eles?

C.: Na época, eu dava dimensão espiritual também...

E.: ... quando você começou...

C.: ... sabe, quando eu comecei, mas hoje, eu acho que não, não precisa de nada espiritual. Tem que ser em cima do próprio potencial da pessoa, sabe. A própria pessoa...

E.: ... pois é, um potencial que não é um potencial espiritual, mas físico, cerebral?

C.: Físico, cerebral, não é? Ela pode fazer isso, sabe, a própria pessoa conduzindo o seu trabalho. E eu acredito que qualquer tipo de doença, a pessoa, porque o que acontece quando a pessoa adocece, primeira coisa que ela faz, ela se entrega para a doença. Ela entre numa depressão, não é? Depois da depressão vem uma série de outros fatores, não é?, e ainda por cima os medicamentos que os médicos começam a receitar para aquela pessoa que está em depressão. Aí, a depressão vai aprofundando mais ainda, tá. Então, o trabalho tem que ser nessa direção. Porque, é o caso, por exemplo, da pessoa com pressão alta, né, o, poderia ser feito pelo enfermeiro, um trabalho, para a pessoa controlar a própria pressão, né, buscar causa e ela mesma trabalhar, né? Mas se por um acaso, vai no médico e o médico fala assim: "Você vai tomar um remédio para hipertensão e vai tomar este anti depressivo, aí, vai atrapalhar, entendeu? Atrapalha totalmente, porque aí, a pessoa perde o controle sobre si mesma, sabe? Então, eu acho que é um trabalho que merece ser feito. Eu, quando eu estiver mais na frente, eu vou fazer esse trabalho, talvez no 7º, 8º período, que aí, eu já posso falar assim: "Agora, estou firme aqui dentro, né." Aí, eu vou fazer essa pesquisa, sabe, com certeza. Eu pretendo fazer isso, também. Foram trabalhos distantes assim, que eu comecei a fazer, mesmo depois de aposentada, né. E a gente senti essa vontade de... quando você vê o outro sofrendo, fazer alguma coisa por ela, sabe? Por isso eu fiz esse tipo de trabalho. É... o meu relacionamento com a minha família, eu não, era assim, relacionamento muito bom, sabe, com os meus irmãos, é... a gente troca comunicações sempre, com um aniversário, a gente tenta ir lá na casa, né, de, sexta-feira mesmo, foi

aniversário do meu irmão caçula, né, que mora aqui na Cidade Nova [bairro de Belo Horizonte], eu fui lá. E a gente tem... assim, tenta ter uma aproximação, né, na época de férias, vem um pessoal para cá, passar dia de natal juntos na fazenda. Então, um relacionamento razoável, não vou falar assim, que é 100% que, às vezes, você tem relacionamento melhor com a pessoa de fora do que dentro da própria família.

E.: É.

V.: É verdade.

C.: Não é? Então, dentro do possível, convivendo como seres humanos a gente continua fazendo esse tipo de trabalho de aproximação. E inclusive com o outro, né. Eu tive outros pacientes, inclusive, eu estou com um, um, um agora, estou com um que era esquizofrênico, sabe? Tem diagnóstico de esquizofrenia. Esse rapaz, ele estava fazendo vestibular para engenharia... teve uma crise, não deu conta de fazer o vestibular, não é?, E a partir daí começou a freqüentar o médico e só piorando o estado dele. Ele era bancário, deixou de trabalhar, sabe? Afastou, esse negócio atrapalha muito a vida social da pessoa e tudo. Aposentou pelo INSS. E a família dele me pediu para fazer um trabalho, eu comecei a fazer um trabalho com ele e, e antes de eu pegar o trabalho, eu digo: “Vou conversar com o psiquiatra dele, porque se não, vão falar que está interferindo.” Eu fui, conversei com o psiquiatra dele, ele me falou assim: “Ô, isso aí, é caso perdido, né?” Eu falei: “Não custa nada a gente tentar, não é?” Aí, eu comecei a fazer o trabalho com ele. De dez medicamentos que ele estava tomando, hoje, ele está tomando três; quer dizer, eu acho que isso já foi um passo muito grande. Tanto, que ele me ligou anteontem e... se ele colaborasse mais, ele já te... estaria recuperado, mas ele não colabora muito e, e a família também não ajuda, sabe? E agora por cima, ele descobriu que o pai está com câncer de próstata e ele (inaudível), foi numa fase, por isso é que ele me ligou, sabe? Entrou numa baixa, falei assim: “mas não saí dos quatro medicamento não, sabe.” Agora, ele está tomando um outro, uma injeção de mês em mês. “Não saí disso aí não. Não vai tomar mais seus dez remédios, porque se não, nunca mais vai sair disso aí, sabe?” [batendo na mesa] Ele me ligou anteontem, falou assim: “Ô, estou melhorando, estou melhorando.” Vou começar uma nova seção com ele, sabe? Então, assim, a gente vai, é, com a conversa que a gente

consegue resolver muitas coisa das pessoas, sabe? Não é com remédio, não é com internação, sabe? Eu falei da Dora também, daqui de baixo, falei, né?

E.: Falou.

C.: Então, e' pego uns casos assim muito... tem um rapaz, um menino. Eu peguei esse menino com quatro anos de idade, sabe? A gente acha que criança não, não percebe, né. Hoje, ela, ela formou, há três anos em engenharia, o menino. Com quatro anos eu comecei a fazer um trabalho com ele. Aí, eu fazia o seguinte, jogava bola todo dia com ele, né. Ele tinha me [inaudível] da psicologia, digo: "a única coisa que eu posso fazer, é desviar a atenção desse menino. Eu tenho que descobrir o que está acontecendo, né." Ele vinha... até aqui, eu atendi aqui na escola. Era professora ainda, né. Entrava para sala, jogava bola com ele, jogava baralho, fazia uma porção de coisas com ele. Aí um, um dia, ele falou assim: "Por quê que as pessoas são diferentes?" Não é?, e o meu trabalho começou por aí. Digo: "Mas porquê que você está perguntando isso?" "Porque o meu pai, ele chega em casa, ele não é capaz de dar um beijo na minha mãe. Eu não vejo o meu pai dando um beijo na minha mãe. A gente... às vezes, eu vejo as pessoas, chegam, cumprimentam, dando, porque o meu pai não beija minha mãe?" E assim, eu fui descobrindo a história dele, né?, fui descobrindo, fui descobrindo, fui descobrindo. Aí, eu chamei o pai e a mãe um dia, para fazer uma entrevista, né, e nessa entrevista é... nós descobrimos tudo que estava por trás, que estava levando este menino a ter, a ter problema, né. Então, resolvido o problema, o menino seguiu normal, não é? O casal pensou em ter um segundo filho. Ele teve uma menina, não é? E hoje eles são, estão muito bem. Isso aí, ele... ele se formou, a dois anos atrás ele se formou em engenharia. Me telefonou, me convidou para a formatura, sabe? Então, eu acho assim que, é, é a palavra e a enfermeira tem que estar preparada para isso. E eu acho que não está. Essa dimensão humana não está sendo muito enfatizada na Escola de Enfermagem. Como não está lá também, sabe?, na medicina.

V.: É. Curso nenhum, né?

C.: Mas... é, não está dentro de curso nenhum. Igual, e essa dime..., dimensão humana, né, que vai agir, ter sucesso no nosso trabalho. É, o, o, o ser humano que é o nosso

instrumento de trabalho, e a gente não está dando este valor como instrumento de trabalho, sabe? Eu acho que já cansei vocês... Cansei vocês já?

V.: ... não, não. [risos]

E.: Não. Nós ainda temos horas e horas e horas e horas. [risos]

C.: Ah! [gagueira] Dá pós-graduação vocês viram, né?, porque eu já fiz o trabalho aí, né, na própria pós-graduação. Fui coordenadora, não é?, fazendo, a primeira coordenadora [risos]. Aí, da, da pós-graduação, não é?, mas foi um trabalho assim que me enriqueceu muito. A Escola de Enfermagem é responsável por todo esse sucesso que eu tive. Foi a enfermagem que me deu esse dimensão.

V.: Muito bonito. [riso]

C.: Sabe? A enfermagem mesmo.

V.: Sei.

C.: Se eu tiver mais alguma coisa, depois eu... eu seleciono e mando para vocês.

V.: Então, tá!

C.: Eu sei que tem muita coisa, sabe, mas, na hora que eu começar a organizar aí den..., dentro desse pensamento, eu mando para vocês.

V.: Tudo bem. Nós continuamos às ordens. A gente agradece muito a sua participação. Igualmente, enriqueceu com certeza muito o nosso trabalho e a, e a história da enfermagem aqui, né, em Belo Horizonte e no Brasil. Muito obrigada.

C.: Por nada!

**[FINAL FITA 6 LADO B]**

**[FINAL DA ENTREVISTA]**

## FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 14 de março de 1996  
12 de abril de 1996  
18 de abril de 1996

Local: Escola de Enfermagem da UFMG

Número de Fitas: 06

Duração das Entrevistas: 160 minutos

Entrevistadores: Valda da Penha Caldeira

Estelina Souto do Nascimento

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Valda da Penha Caldeira

Traços Biográfico e Sumário: Geralda Fortina dos Santos

## ANEXO I

Discurso proferido, quando foi madrinha da braceira da turma de 1960.

Iniciando as minhas simples palavras quero, em primeiro lugar, agradecer às alunas do 1º ano, de todo coração, o convite que me fizeram para ser madrinha da turma, hoje dia da recepção dos distintivos.

Quero, ainda agradecer a Revma Irmã Emília pela boa acatção quando fui escolhida pelas alunas.

A mocidade é o tempo mais belo, mais florescente e mais alegre de suas vidas. Como corre fresco e forte o sangue em suas veias, como seus olhos cheio de esperança, fitam o futuro e como são elásticas as forças do seu espírito! Seu coração ainda não está dominado pelas paixões e se entusiasma por tudo quanto é elevado e bom.

Estou segura de traduzir o sentimento comum dos agaciados, nesta festa solene e rica de emoções.

Não há maior aproximação de sentimentos do que entre aqueles que se congregam honesta e desinteressadamente em torno de uma obra de beneficência, cuja finalidade precípua é promover melhores dias de paz e tranqüilidade entre os homens e levar o lenitivo onde quer que haja o sofrimento.

Cabe-nos preparar para os que virão um mundo melhor. Entre os que se foram e os que hão de vir, vele o nosso amor e seja o nosso trabalho um trabalho construtivo mesmo em nossos pequenos deveres. Não existem tarefas secundárias quando exercidas aos influxos e em prol de um ideal, qualquer que ele seja e quando delas participa a alma.

O caminho está aberto, o terreno está arado... Avante colegas queridas, vão ao encontro do tesouro; mas para isso é preciso a coragem, a companheira inseparável dos idealistas de caráter firme. O que não se adquiriu nos braços de uma mãe no que se refere a formação moral o caráter, dificilmente se adquire depois na vida. O berço é tudo, e somente às mães foi confiado e a aquelas que tiveram a infelicidade de não o possuir, não esmoreçam, a vontade firme levar-lhes-ão até o fim.

Esta oportunidade vai deixar imperecível recordação em vocês, enquanto permaneceres na escola, pois cada ano que se comemora esta recepção, ela nos impregna em nossa mente o objeto que faz relembrar o passado: o distintivo.

Configurado nele está a cruz de Malta, Bandeira empunhada pelos soldados, unidos pelo mesmo ideal, em defesa da Pátria e do Cristianismo; o vermelho relembra a caridade feita do respeito que nos inspira a dor alheia; é a comoção de que nos achamos tocados pelo sofrimento do nosso semelhante, é o sentimento de compaixão e piedade que não deve faltar entre aqueles que lidam com o doente.

Estampado no vermelho está uma legenda latina: “Lux A Qua Lux”: quer dizer a luz de onde dimana a luz; a caridade é a fonte de onde flui esta luz que nos eleva e dignifica. A lâmpada é o símbolo da enfermagem, servindo-a como sustentáculo, cuja a prática torna-se definida representada pelo azul celeste e o seu símbolo a circunferência. Ainda o branco se sobressai para simbolizar a personalidade da enfermeira que deve ser clara e sem mancha.

De tudo isto Cristo é o começo e o fim representado pelas letras gregas: alfa e omega. A lâmpada é o depósito da luz, luz esta que se dissipa as trevas, estendendo os seus raios luminosos ao sofrimento daqueles que nos são confiados, ajudando-nos assim a concluir o trabalho, devido a sua eficácia a alma angustiada.

A enfermeira cristã não se contenta apenas com os preceitos estritos da justiça, ela vai mais longe, procura empenhar-se toda a sua conduta à lei Superior da Caridade. Ser enfermeira (não é só dá injeção, tirar TPR, pôr um uniforme branco) é exercer um grande sacerdócio, um sublime mistério; a ela foi confiado o maior tesouro da terra: a alma cristã. É ter de praticar o bem a cada passo, sacrificando-se pelos outros, trabalhando pelo seu bem estar, aliviando as dores dos que sofrem.

Dentro das minhas palavras suplico-lhes ainda, união entre a turma e os outros membros da escola.

Infelizmente não reina na nossa escola um ambiente de compreensão mútua, não há união entre o corpo docente, não há união entre o corpo discente e não há união entre o docente e discente. Não havendo esta união, desabrocha dentro de nós um espírito de revolta, de ódio, mau humor, prejudicando deste modo a escola e especialmente o nosso querido doente.

E quem é ele?

Talvez lhe considere alguém um ser inútil, um peso morto, um naufrago sem vida, um fracassado. Talvez se desviem dele muitos olhares e nem mesmo seus parentes e amigos ousem se aproximar de si. Não sei de onde veio. Ignoro por que etapas passou, antes de ser farrapo humano que tenho à minha frente. Não sei se suas mãos algum dia se ergueram ao céu em súplica fervorosa, nem se em seu coração palpita o amor de Deus. Não importa.

É para mim um enviado de Deus. É o irmão querido, filho do mesmo Pai que está no céu, entregue aos meus cuidados, recomendado ao meu amor fraterno com inteira confiança. Para o meu coração de mulher, é, em sua fragilidade, o pequeno, o filho querido que a mãe embala com ternura, aconchega, consola. Meu pobre enfermo frágil e desprezado és muito mais para mim. O leito em que sofre me lembra uma cruz, aquela cruz que é a esperança de todos nós, que deve ser sua esperança e sua força.

É você mesmo pobre farrapo humano, faz reviver ante meus olhos a figura do Homem de dores, a Imagem de Jesus.

É por isso que além do carinho que me inspira, eu tenho por você um profundo respeito. É por isso que toco as suas Chagas com veneração. É está longe de imaginar, pobre irmão que sofre, que lhe devo mais do que deve a mim. Devo-lhe a alegria de fazer o bem.

Devo-lhe a doçura, que me invade a alma, quando findo o trabalho, o corpo fatigado se sente incapaz, de mais algum esforço, e o coração se alegra por ter servido com generosidade. Devo-lhe tanto, meu doente abandonado.

E no último dia é ainda que deverei a alegria invejável de ouvir dos lábios divinos: “Vem bendita do meu Pai - porque estive doente e me visitou”.

“Porque o que fizer ao menor dos meus irmãos é a mim que faz” (Waleska Paixão).